



Galeria Francisco Fino

ARCOLisboa

**Helena Almeida
Vasco Araújo
José Pedro Cortes
Alfredo Jaar
João Penalva**

**Main Section
Booth I07**



Helena Almeida



Helena Almeida

Desenho, 1999

Impressão fotográfica a P/B em gelatina de prata

88 x 130 cm

Prova de Artista



Helena Almeida

Sem Título, 2003

Impressão fotográfica a P/B em gelatina de prata

120 x 88 cm



Helena Almeida

Sem Título, 2004

Impressão fotográfica a P/B em gelatina de prata

130 x 130 cm



Vista de instalação Helena Almeida: exposição individual, Galeria Francisco Fino, 2026



Helena Almeida

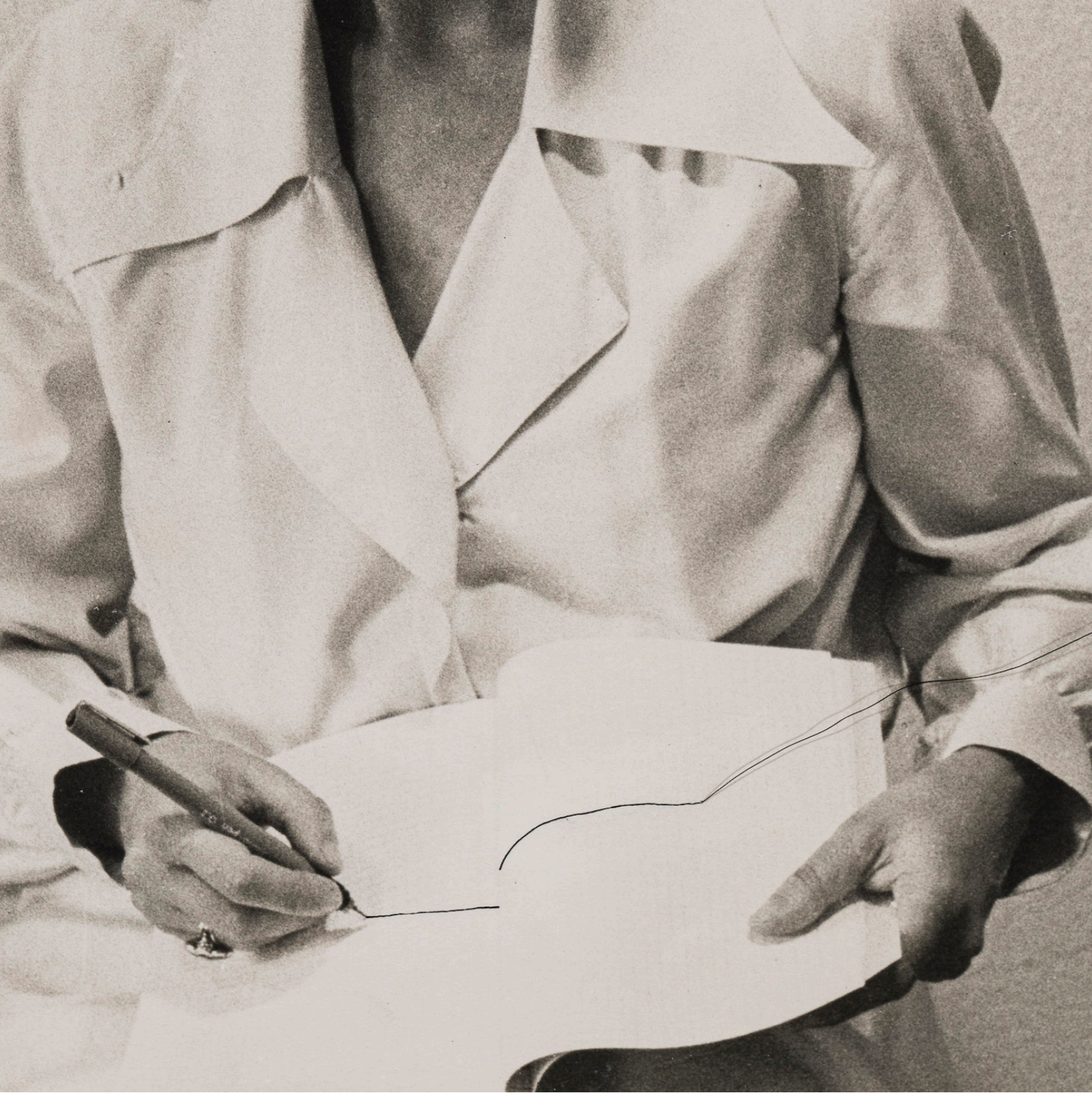
Desenho Habitado, 1975

Impressão fotográfica a P/B em gelatina de
prata e crina de cavalo

49,5 x 39 cm

52 x 41 cm (emoldurada)

Ed. 3 (#2/3)



Pormenor de Desenho Habitado, Helena Almeida, 1975

Helena Almeida

Helena Almeida (Lisboa, 1934 - Sintra, 2018) nasceu em Lisboa, onde viveu e trabalhou até 2018. Licenciou-se em Pintura, na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, em 1955. Em 1964, foi bolsista em Paris pela Fundação Gulbenkian.

Na sua primeira exposição individual em Portugal (Buchholz, 1967), Almeida apresentou um conjunto de pinturas geométricas e abstractas que desafiavam os limites da tela convencional. Por volta de 1969, a artista começou a fotografar-se a si própria, normalmente em diferentes poses no seu atelier, quer sozinha, quer interagindo com objectos encontrados nesse espaço (cadeiras, bancos, fragmentos de espelhos), quer acompanhada pelo arquiteto e artista Artur Rosa, seu marido. A prática de Helena Almeida é frequentemente associada a pinceladas de tinta acrílica azul, preta ou vermelha sobre fotografias a preto e branco. Em séries como Tela Habitada, Estudo para um enriquecimento interior, ou Desenho Habitado, a artista pode ser vista a interagir com materiais isolados de pintura e desenho, como uma tela, uma caneta, um pincel ou tinta, explorando a potencialidade plástica e disciplinar da Pintura.

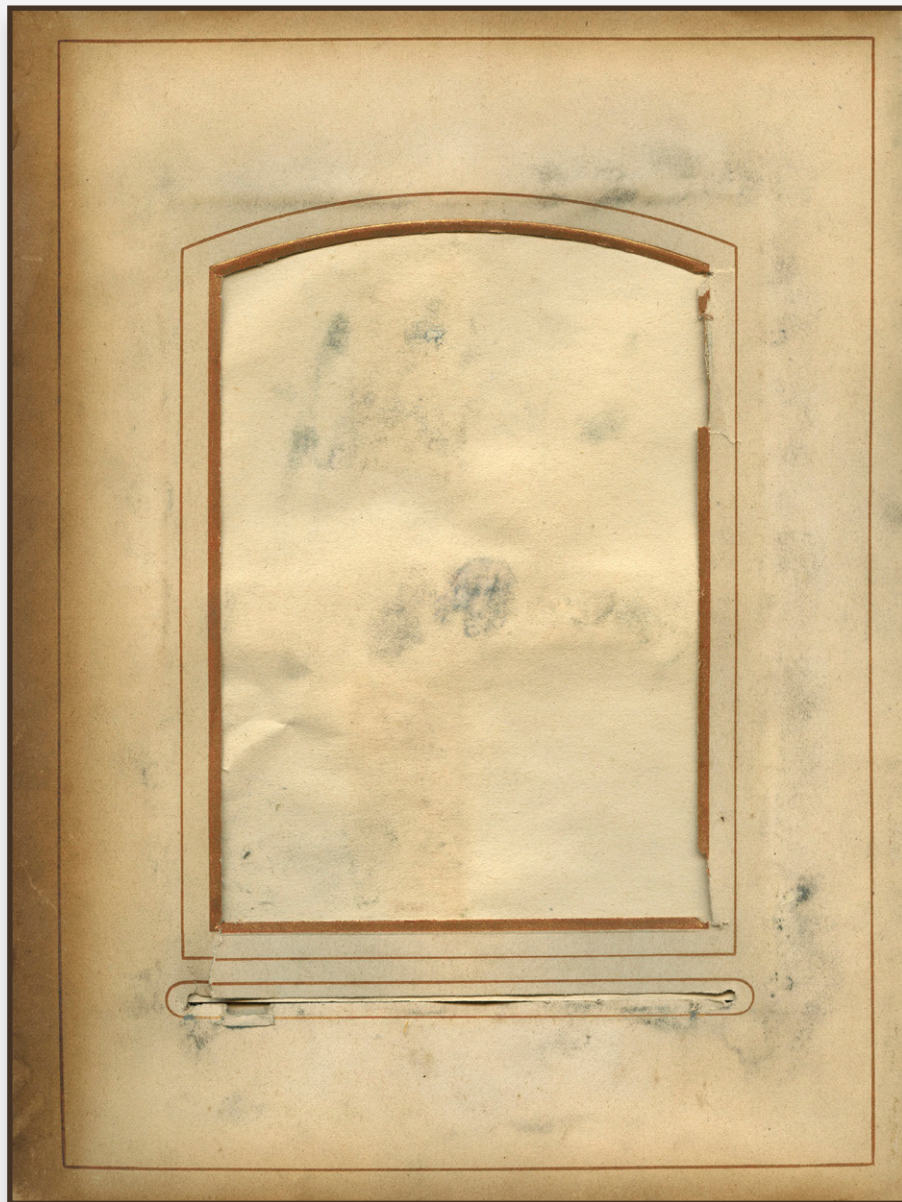
O seu trabalho tem sido apresentado em diferentes galerias, museus e instituições, tanto em exposições colectivas como individuais, tais como: "WOMAN. The feminist avant-garde from the 1970s, Works from the Sammlung Verbund" (International Center of Photography, NY, EUA, 2019), 'Work is

never finished' (The Art Institute of Chicago, EUA, 2017), 'My work is my body, my body is my work' (Serralves, Porto, 2015 e Jeu de Paume, Paris, 2016), "Dubai Photo Exhibition: a Global Perspective on Photography" (The Hamdan Bin Mohammed Bin Rashid Al Maktoum International Photography Award & World Photography Organisation, EAU, 2016), 'A Needle Walks into a Haystack' (TATE Liverpool, Reino Unido, 2014), 'Bigger Splash-Painting after Performance' (TATE Modern, Reino Unido, 2012), 'Dance-Walk-Draw' (Skidmore College: tang-The Frances Young Tang Museum and Art Gallery, EUA, 2012), "Inside Me" (Kettle's Yard, Reino Unido, 2009), "Pink fabric for clothing" (Fundación Telefónica, Espanha, 2008), "Intus" (Biennale di Venezia, Itália, 2005), "Wack! Art and Feminist Revolution" (MOCA-The Museum of Contemporary Art, LA, EUA, 2005), 'Helena Almeida' (Europália, Musée de Charleroi, Bélgica, 1991) e Biennale di Venezia (Itália, 1982).

O seu trabalho está incluído em grandes colecções nacionais e internacionais, tais como: Art Institute (EUA), Contemporary Art Museum of Chicago (EUA), Fundação Calouste Gulbenkian (Portugal), Hara Museum of Contemporary Art (Tóquio, Japão), MoMA (EUA), Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (Espanha), Tate Gallery (Reino Unido), The National Museum of Western Art (Tóquio, Japão), Buhl Collection (EUA), entre outras.

Mais informações

Vasco Araújo



Vasco Araújo

Detritus #6, 2011

Fotografia digital

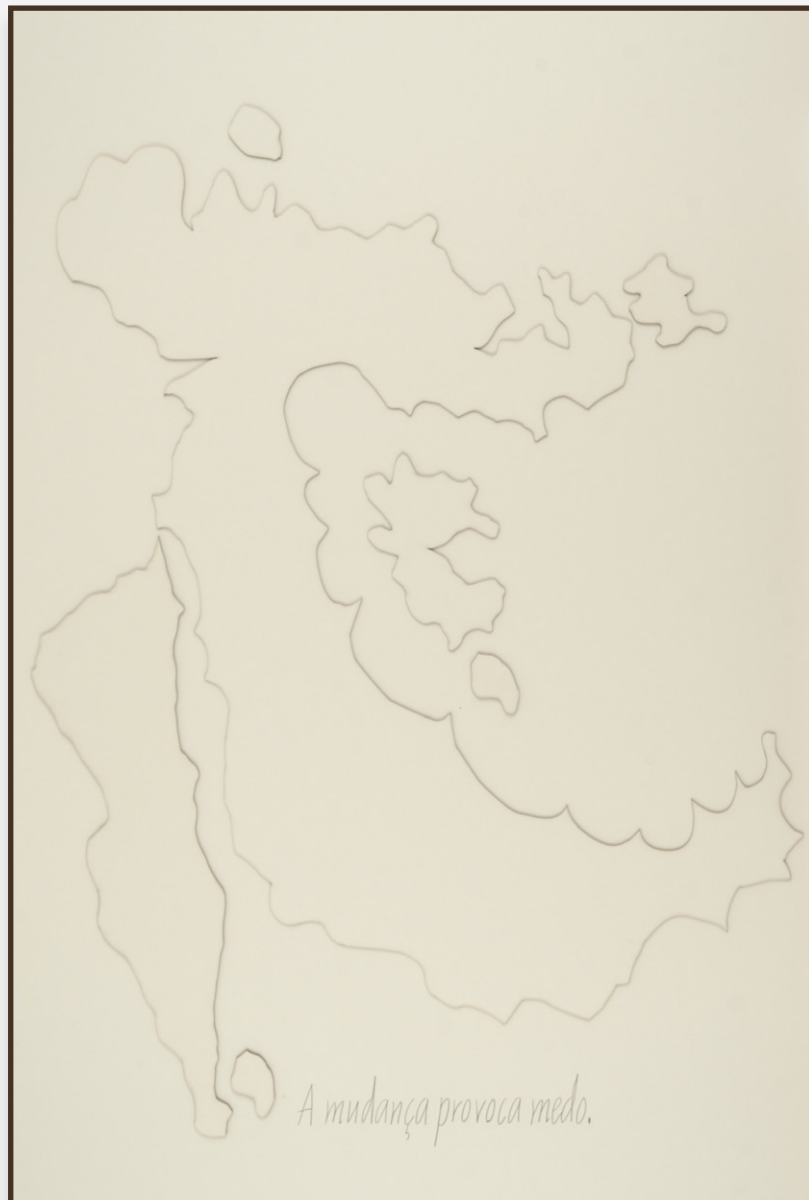
185 x 140 cm

A série *Detritus*, de 2011, consiste em imagens detalhadas ampliadas, retiradas do interior de um velho álbum de fotografias sem fotografias, construindo uma arquitetura sublime em torno da ausência da memória. A obra explora a relação entre a memória e a matéria, revelando

as lacunas das imagens e os discursos a elas associados. O que nos leva a refletir é sempre um encontro traumático e violento com uma realidade externa que nos é brutalmente imposta, questionando a nossa forma habitual de pensar. Como tal, um pensamento verdadeiro está sempre descentrado: não pensamos espontaneamente, somos forçados a pensar.



Vasco Araújo
 Epílogo III, 2012
 Fotografias digitais
 125 x 105 cm



Vasco Araújo

Ínsula #12, 2010

Desenho em cartão, corte a laser, acrílico,
grafite

124 x 85 x 4,5 cm

Uma Ilha, por definição, é um prolongamento do relevo, estando numa depressão absoluta preenchida por água. Da sua etimologia latina, *ínsula*, originou o adjectivo insular. A consideração “somos uma ilha” deixa-nos o espaço para a

comparação física e psicológica entre ilha e ser humano, onde a mudança e a modificação de qualquer circunstância, situação ou condição, física ou não física, de modo que o original se torna não só diferente do que era, mas também alterado de maneira tão radical que o torna absolutamente irreconhecível e impossível de regressar a qualquer coisa que se pareça com o seu estado anterior.

Vasco Araújo

Vasco Araújo nasceu em Lisboa, em 1975, cidade onde vive e trabalha. Em 1999 concluiu a licenciatura em Escultura pela FBAUL. Entre 1999 e 2000 frequentou o Curso Avançado de Artes Plásticas da Maumaus em Lisboa. Desde então tem participado em diversas exposições individuais e coletivas tanto nacional como internacionalmente, integrando ainda programas de residências, como Récollets (2005), Paris e Core Program (2003/04), Houston. Em 2003 recebeu o Prémio EDP Novos Artistas.

Das exposições individuais destacam-se: *E agora para onde vou?*, Fundación DIDAC, Santiago de Compostela (2024); *Eros e Thanatos*, Appleton Square, Lisboa (2024); *Memoria afectiva*, Bodega Piloto, Bogotá (2023); *Pathosformel*, Rialto6, Lisboa (2022); *Momento à Parte*, MAAT, Lisboa (2019); *Vasco Araújo*, M-Museum, Leuven, Bélgica, (2018); *Decolonial desires*, Autograph ABP, Londres, U.K. (2016); *Potestad*, MALBA – Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina (2015); *Under the Influence of Psyche*, The Power Plant, Toronto (2014); *Debret*, Pinacoteca do Estado de S. Paulo, S. Paulo (2013); *Avec les voix de l'autre*, Musée d'art de Joliette, Joliette (2011); *Mais que a vida*, Fundação C. Gulbenkian/ CAM, Lisboa e MARCO, Vigo (2010); *Eco*, Jeu de Paume, Paris (2008); *Vasco Araújo: Per-Versions*, the Boston Center for the Arts, Boston (2008); *About being Different*, BALTIC Centre for Contemporary Art, U.K (2007); *Pathos*, Domus Artium 2002, Salamanca (2006); *Dilemma*, S.M.A.K., Gent (2005); *L'inceste* Museu do Azulejo Lisboa (2005); *The Girl of the Golden*

West, The Suburban, Chicago (2005); *Dilema*, Museu de Serralves, Porto (2004); *Sabine/ Brunilde*, SNBA, Lisboa (2003).

Das exposições coletivas destacam-se: Tino Grandío. *Correspondencias*. Colección de Arte Abanca, Centro Obra Social ABANCA de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela (2023); *O Castelo Surrealista de Mário Cesariny*, MAAT, Lisboa (2023); *Bienal del Bioceno – Cambiar el Verde por Azul*, 15.ª Bienal de Cuenca, Cuenca, Equador (2021); “*Triangulo atlântico*” Bienal Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2018); *All that Falls*, Palais de Tokyo, Paris (2014); *Investigations of a Dog*, Fondazione Sandretto Re Rebaudengo, Turim (2009); *Everything has a name, or the potential to be named*, Gasworks, Londres (2009); *Em Vivo Contacto*, 28ª Bienal de S. Paulo, São Paulo (2008); *Artes Mundi*, Wales International Visual Art Exhibition and Prize, National Museum Cardiff, Cardiff (2008); *Kara Walker and Vasco Araújo: Reconstruction*, Museum of Fine Arts, Houston, (2007); *Drei Farben – Blau*, XIII Rohkunstbau, Grobleuthen (2006); *Experience of Art*; La Biennale di Venezia. 51th International Exhibition of Art, Venezia; *Dialectics of Hope*, 1st Moscow Biennale of Contemporary Art, Moscovo, (ambas em 2005); *Solo (For Two Voices)*, CCS, Bard College, Nova Iorque (2002); *The World Maybe Fantastic Biennale of Sydney*, Sydney (2002); *Trans Sexual Express*, Barcelona 2001, a classic for the Third millennium, Centre d'Art Santa Mònica, Barcelona (2001).

Mais informações

José Pedro Cortes





José Pedro Cortes

2500 metros, 2026

Impressão a jato de tinta s/ papel Fine Art

130 x 190 cm

Ed. 1 + 1 PA

A partir de imagens recolhidas ao longo do tempo em diferentes arquipélagos atlânticos, José Pedro Cortes explora a impermanência, a imersão e a observação silenciosa. Através

da fotografia, traça corpos e infraestruturas em diálogo com uma cartografia subterrânea e vulcânica, onde o registo documental se cruza com a potência poética de um olhar atento. As suas paisagens, retratos e naturezas-mortas tornam-se mapas visuais da vida contemporânea — abertos, transitórios e inacabados.



José Pedro Cortes

Vulcão (Lanzarote), 2022/2026

Impressão a jato de tinta s/ papel Fine Art

130 x 190 cm

Ed. 1 + 1 PA

José Pedro Cortes

José Pedro Cortes (Porto, Portugal, 1976) estudou no Kent Institute of Art and Design (Master of Arts in Photography) no Reino Unido. Em 2005, após 3 anos a viver em Londres, regressou a Lisboa e integrou o Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística em Fotografia. Nesse mesmo ano, Cortes realizou as suas primeiras exposições individuais no Centro Português de Fotografia e na Galeria Silo, ambos no Porto, Portugal. Nesse ano, Cortes foi também selecionado para a Photo London - Emerging Artists Presentations e, em 2006, participou na exposição comissariada pela Getty Images New Photographers 2007.

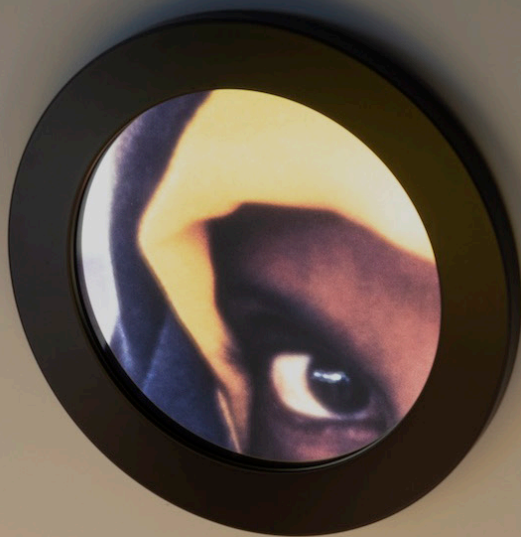
Desde então, Cortes teve várias exposições individuais institucionais, nomeadamente 'One's Own Arena' no Museu da Eletricidade/MAAT, (Lisboa, 2015), 'Costa' no CGAC - Centro Galego de Arte Contemporânea (Santiago de Compostela, 2015) e em 2018 'A Necessary Realism, uma grande exposição no MNAC, o Museu Nacional de Arte Contemporânea, abrangendo 15 anos de trabalho.

Outras exposições incluem o Museu da Imagem (Braga, 2006), Módulo - Centro Difusor de Arte (Lisboa, 2008, 2010), White Space Gallery (Londres, 2006), CAV - Centro de Artes Visuais

(Coimbra, 2013), Robert Morat Galerie (Berlim, 2015 e 2022) ou Galeria Francisco Fino (Lisboa, 2018 e 2021) e Escola das Artes, UCP (Porto, 2021).

Cortes foi também um dos fotógrafos do EPEA - European Photo Exhibition Award 01, com trabalho apresentado em quatro locais europeus em 2012 e 2013 (Deichtorhallen Hamburg, Alemanha, Centre Gulbenkian Paris, França, Fondazione Monte di Luca, Itália, e Oslo Peace Center, Noruega); foi ainda escolhido para o projeto European Eyes on Japan 2014 (com livro e exposição); e O Processo SAAL: Arquitetura e Participação, 1974-1976, com trabalhos expostos no Museu de Serralves, e no Canadian Centre for Architecture, Toronto. Em 2014 Cortes participou no evento Live Editing Show no LE BAL, Paris, onde os visitantes puderam produzir um livro em colaboração com o artista. Em 2014, foi pré-selecionado para o prémio BESPhoto com exposições no Museu Berardo, Lisboa, e no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, Brasil. Em 2016 foi um dos artistas comissionados para a BF16 - Bial de Fotografia de Vila Franca de Xira com a sua instalação Betão Armado.

Mais informações



Alfredo Jaar



Alfredo Jaar

People Without Names (Sudan), 1989

Caixa de luz com transparência colorida e 6 espelhos

Caixa de luz: 102 x 102 x 13 cm

Espelhos: 25 x 25 x 3 cm (cada)

Dimensões totais: 243 x 101 x 58 cm

Ed. 1 + 1 PA

Em *People without Names (Sudan)*, uma caixa de luz e espelhos criam imagens fragmentadas que se transformam consoante a posição

do espectador, fundindo o seu reflexo com o daqueles que são representados. Esta interação abre um horizonte reflexivo, gerando coreografias do olhar que possibilitam encontros para além da mera interpelação das imagens ou dos seus referentes. Esta dramaturgia do espaço, da imagem fotográfica, das palavras (por vezes) e da perspectiva procura instaurar novas “partilhas do sensível”, para citar Jacques Rancière.



Alfredo Jaar

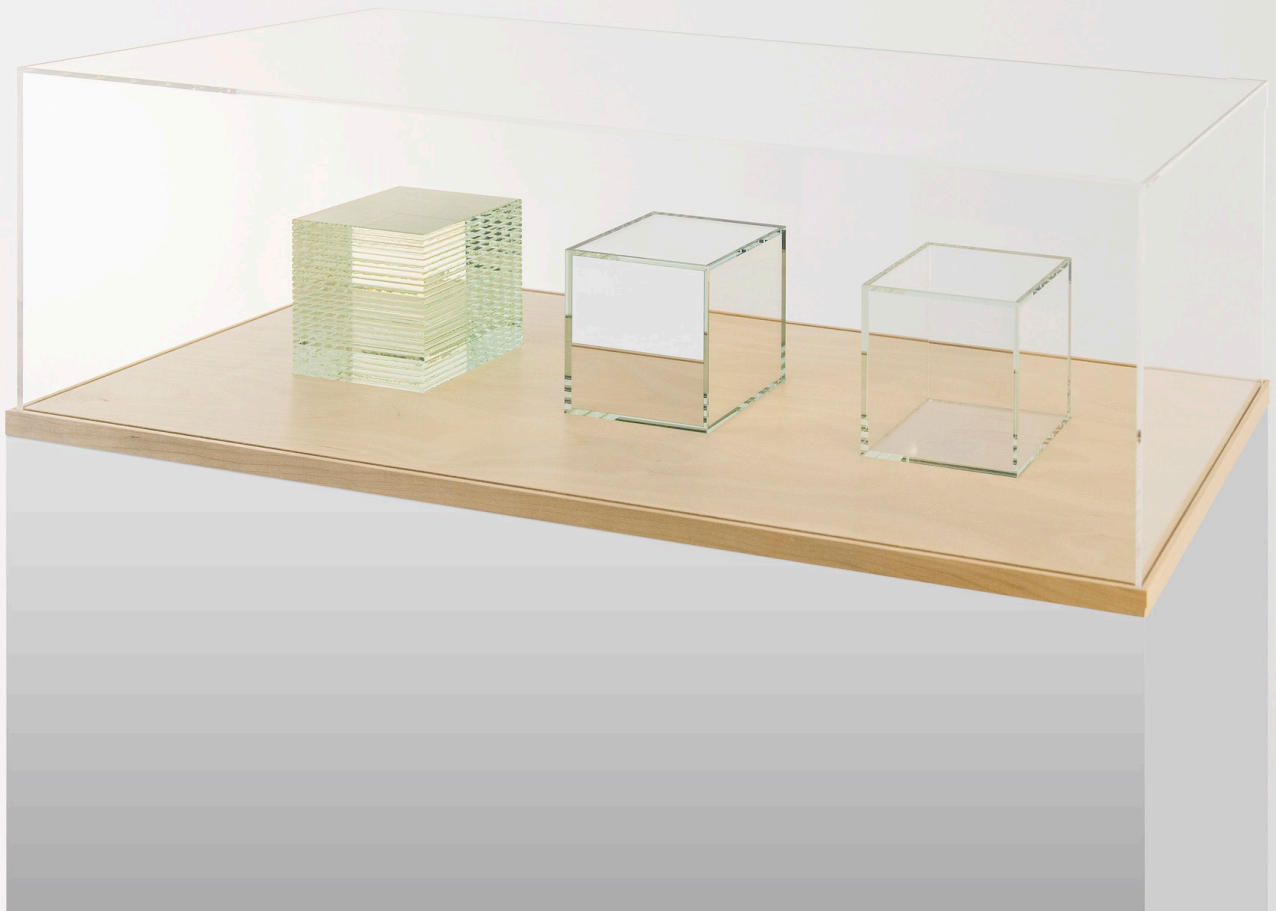
You and Me and the Others, 2020

Vidro, espelho, base de madeira

Cubos: 15 x 15 x 15 cm (cada)

Dimensões totais: 32 x 108,5 x 48 cm

Ed. 6 + 3 PA



Pormenor de You and Me and the Others, Alfredo Jaar, 2020

Alfredo Jaar

Alfredo Jaar (Santiago, Chile, 1956) é um artista, arquiteto e cineasta cuja prática se estende por mais de quatro décadas, marcada por um envolvimento rigoroso com o mundo. Trabalhando entre a fotografia, o cinema, a instalação e os novos media, Jaar desenvolve estratégias artísticas híbridas para abordar realidades sociopolíticas urgentes e os limites éticos da representação.

O seu trabalho convida o público a refletir criticamente sobre a forma como as crises humanitárias, o sofrimento humano e as desigualdades globais são percebidos, mediados e frequentemente negligenciados no âmbito do discurso internacional, mantendo simultaneamente uma forte presença formal e estética. Ao longo da sua carreira, Alfredo Jaar tem vindo a abordar de forma persistente questões como o genocídio, as migrações forçadas e os desequilíbrios de poder entre países industrializados e países em desenvolvimento, desafiando o público a confrontar aquilo que, demasiadas vezes, é ignorado ou silenciado.

O seu trabalho tem sido amplamente apresentado a nível internacional. Participou nas Bienais de Veneza (1986, 2007, 2009, 2013) e de São Paulo (1987, 1989, 2010, 2021), bem como na Documenta de Kassel (1987, 2002).

Entre as suas exposições individuais mais relevantes destacam-se as realizadas no New Museum, em New York City (1992); na Whitechapel Gallery, em London (1992); no Moderna Museet, em Stockholm (1994); no Museum of Contemporary Art Chicago, em Chicago (1995); e no Museum of Contemporary Art of Rome, em Rome (2005). Entre as mais importantes exposições retrospectivas recentes

da sua obra contam-se as apresentadas no Musée cantonal des Beaux-Arts de Lausanne (2007); Pirelli HangarBicocca, em Milan (2008); na Alte Nationalgalerie, na Berlinische Galerie e na Neue Gesellschaft für bildende Kunst, em Berlin (2012); nos Rencontres d'Arles (2013); no Kiasma, em Helsinki (2014); no Yorkshire Sculpture Park, no United Kingdom (2017); no Zeitz Museum of Contemporary Art Africa, na Cape Town (2020); no SESC Pompeia, em São Paulo (2021); no Museum of Contemporary Art Hiroshima (2023); e no KINDL – Zentrum für zeitgenössische Kunst (2024).

O artista realizou mais de setenta intervenções públicas em todo o mundo. Foram igualmente publicadas mais de oitenta monografias dedicadas à sua obra. Tornou-se bolseiro da John Simon Guggenheim Memorial Foundation em 1985 e da MacArthur Foundation em 2000. Recebeu o Hiroshima Art Prize em 2018 e o Hasselblad Award em 2020. Em 2024 foi distinguido com o Albert Camus Mediterranean Prize e, em 2025, foi selecionado para receber a Edward MacDowell Medal, tendo ainda sido distinguido com o Prix Pictet.

A sua obra integra as coleções do Museum of Modern Art e do Solomon R. Guggenheim Museum, em New York City; do Art Institute of Chicago e do Museum of Contemporary Art Chicago, em Chicago; do Museum of Contemporary Art, Los Angeles e do Los Angeles County Museum of Art, em Los Angeles; do Museu de Arte de São Paulo; da Tate, em London; do Centre Pompidou, em Paris; da Nationalgalerie, em Berlin; do Stedelijk Museum Amsterdam; do Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía; do Moderna Museet; do MAXXI e do MACRO, em Rome; do Louisiana Museum of Modern Art; do Hiroshima City Museum of Contemporary Art e do Tokushima Modern Art Museum, no Japan; do M+, em Hong Kong; entre dezenas de outras instituições e coleções privadas em todo o mundo.

Mais informações



João Penalva



Moth-eaten pair of trousers. Never used.

João Penalva

Moth-eaten pair of trousers. Never used., 2010

Impressão pigmentada sobre papel Hahnemühle

Photo Rag Bright White 310 g, montada em

Dibond, cartão, Plexiglass e moldura em carvalho encerado

178 x 135 cm

Ed. 3 + 1 PA



João Penalva

Addressing the weeds in Hiroshima, 1997

Plantas secas, tinta sobre papel, papel impresso,
molduras em acrílico e texto de parede

220 x 420 x 5 cm



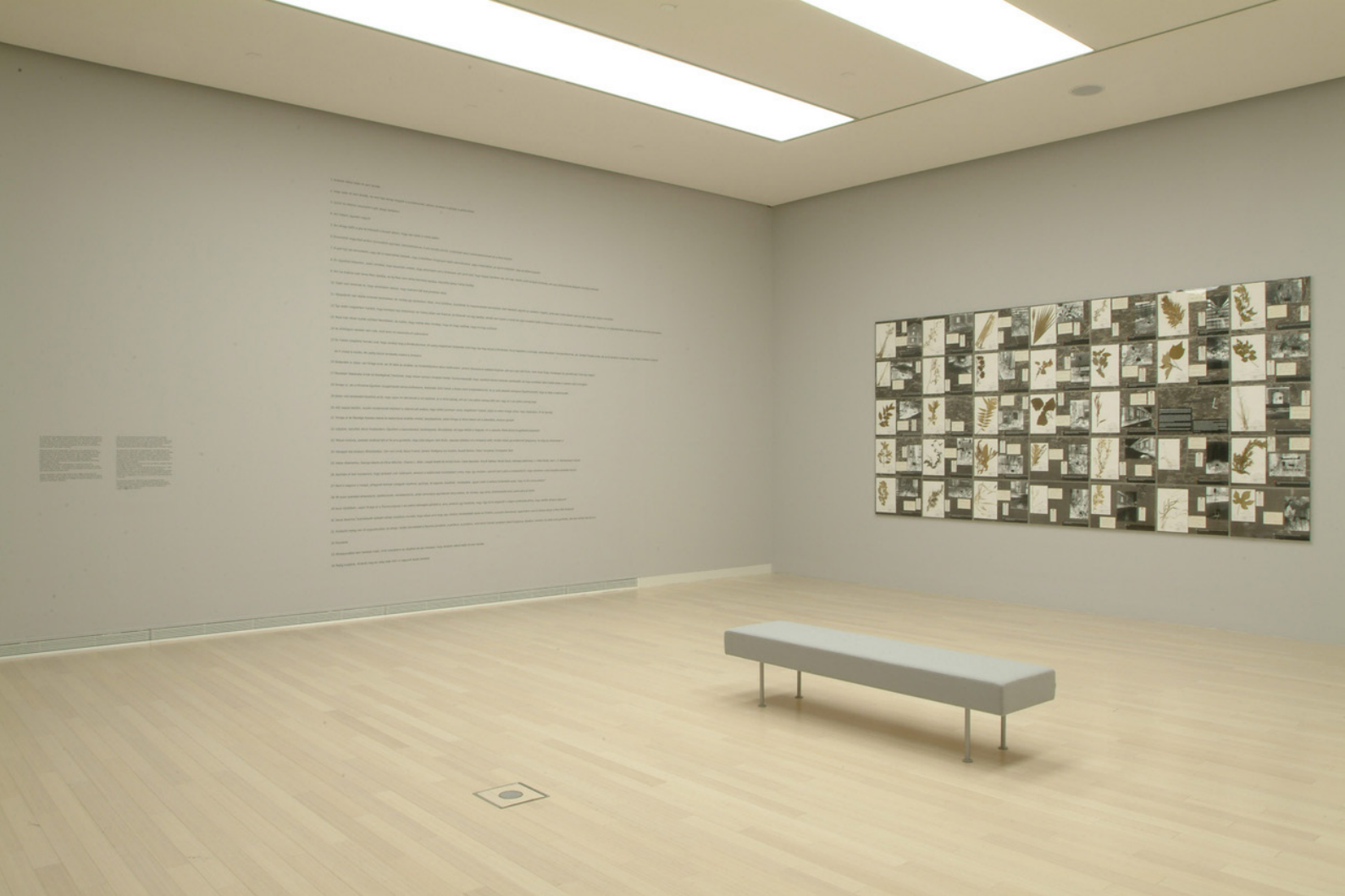
Projeto desenvolvido para uma exposição em Hiroshima — Hiroshima Art Document 1997 — realizada no complexo de uma antiga fábrica desativada que, outrora, produzia uniformes para o Exército Imperial Japonês e que, no momento da explosão da bomba atômica, foi convertida em hospital de emergência, vindo posteriormente a funcionar como escola.

Trabalhando em estreita colaboração com um botânico, João Penalva identificou as ervas daninhas que cresciam nos pátios cimentados do complexo, concebendo um percurso evocativo dos jardins botânicos, através da instalação de etiquetas metálicas verticais para cada uma das 32 espécies distintas.

O artista escreveu e instalou um monólogo dirigido às ervas daninhas, concebido para ser lido em 32 parágrafos, inscrito em etiquetas de papel suspensas em varas de bambu e colocadas junto de cada espécie.

Neste trabalho, as ervas daninhas são interpeladas enquanto sobreviventes austeras e destinatárias silenciosas de um relato simultaneamente comovente e humorístico sobre as lutas humanas.

A obra foi posteriormente reconfigurada em 32 molduras, cada uma com 50 × 60 cm, contendo fotografias documentais e materiais recolhidos no local original, apresentadas num único conjunto com dimensões de 220 × 420 cm, acompanhado pelo texto numa parede adjacente, à direita ou à esquerda.



Vista de instalação no Ludwig Museum Budapest, 2007



João Penalva

Composição com dois sacos de papel japoneses do século XIX para armazenamento e transporte de casulos de bicho-da-seda e outros produtos secos, e veludo de algodão de MacCulloch & Wallis, 21 Poland Street, Londres W1, 2025

Colagem de papel sobre veludo de algodão, vidro e moldura de carvalho

236,7 x 139 x 9,3 cm

e

impressão UV sobre Dibond e moldura de carvalho

41,8 x 31,3 cm



Estes sacos de papel japoneses antigos foram comprados em Harajuku, em Tóquio, em 2004. Eram originalmente cinco – um castanho e os outros claros como estes, todos com um carimbo impresso, e grandes caracteres manuscritos a tinta preta apenas num dos lados. Todos tinham remendos colados com papel do mesmo tipo, possivelmente provenientes de sacos semelhantes. Apenas em 2019 comecei o processo da tradução do carimbo e dos caracteres manuscritos, o que envolveu dois tradutores profissionais e um académico, uma vez que os caracteres antigos, tanto impressos como manuscritos, não eram legíveis pelos tradutores do japonês contemporâneo.

Durante quinze anos um certo pudor impediu-me de os usar no meu trabalho porque usá-los, pensava eu, implicaria modificá-los,

ferir a sua integridade física, mas quando soube que estes sacos tinham armazenado casulos de bicho-da-seda e que o carimbo era simplesmente publicidade do século XIX, entendi como, ao expor a sua história num texto emoldurado como sae de uma tabela se tratasse, o meu trabalho com eles poderia ter a forma de uma composição que os mantivesse íntegros.

Em 2021 fiz um primeiro trabalho a que chamei Composição com três sacos de papel japoneses antigos, para o armazenamento e transporte de casulos de bicho-da-seda e outros produtos secos, e Molton teatral preto, de Russell and Chaple Ltd., Store Street, Londres. Agora, em 2025, além da sua história, o texto emoldurado a seu lado dirige-se a quem o lê e propõe um jogo.



João Penalva

W, 1994

Óleo e cera encáustica sobre painel de madeira e arame

37 x 20 x 2 cm

Esta pintura faz parte de um conjunto de vinte e seis cuja altura representa, em milímetros, o número de nomes na lista de endereços da Richard Salmon Gallery em 1994, que nesse tempo ocupava o Estúdio 4 do número 59 de South Edwardes Square, em Kensington, Londres. Elas eram uma das muitas partes de uma instalação que fiz para três espaços da galeria, que ficava num edifício vitoriano muito bonito, construído especialmente para servir de estúdios de artistas, numa praça privada com muitas árvores. Cada estúdio tinha várias salas, todas com grandes janelas.

Esta instalação, a que dei o título *Would You* (Se fizer a fineza), aludindo ao uso educado do condicional pelos *gentlemen*, foi feita para uma exposição colectiva intitulada *Every Now and Then* (De vez em quando), com curadoria da equipa de curadores Rear Window. A exposição abordava a longa história do espaço da galeria. Na altura, um dos seus espaços tinha sido, apenas alguns meses antes, a convite de Richard Salmon, o último estúdio de Derek Jarman, e os seus pincéis, tintas, bata e pinturas inacabadas ainda lá estavam.

À procura de material com que trabalhar, concentrei-me em tudo o que poderia ser secreto nos negócios de Richard Salmon, e em encontrar formas de o representar. Quando lhe perguntei o que considerava ele como secreto, disse-me que eram a sua lista de endereços, a sua correspondência, a quem vendia e por quanto. Comecei por aí. Um outro espaço, com paredes que cobri totalmente com *potpourri*, mostrava a sua correspondência com outro galerista, Karsten Schubert, seu ex-sócio, com quem ele estava a ter um desentendimento muito desagradável. As cartas e faxes de ambos estavam tão extensamente censurados por eles próprios que eram praticamente ilegíveis. Outra parte do trabalho mostrava também uma correspondência, esta fictícia, entre uma modelo e o artista que trabalhava no estúdio, um tal Charles Edward Holmer. Ela tinha-se esquecido dos seus brincos depois

de posar e queria recuperá-los, mas Holmer nunca respondia às suas cartas, e sempre que ela tentava passar pelo estúdio e bater à porta, nem ele nem o seu assistente Henry lá estavam. O seu nome era Mara Tsvetskova, uma búlgara.

O nome foi-me dado por alguém que eu não conhecia e que fui encontrar com o objetivo específico de encontrar um nome búlgaro convincente. Valeri Tchukov, um búlgaro que trabalhava na Bush House, no Strand, no Serviço Búlgaro da BBC, e que era amigo do meu amigo Steven Moore, a quem eu tinha confidenciado que queria que a modelo fosse búlgara mas não conhecia nem um búlgaro, socorreu-me e deu-me a Mara.

Contrariamente ao que eu esperava, a correspondência entre Richard Salmon e Karsten Schubert foi considerada ficção, e as pequenas cartas azuis de Mara, escritas com tinta roxa, consideradas reais.

Trinta e um anos depois, esta pintura poderia esquecer a sua própria história e ficar feliz por celebrar um Walter, uma Wendy, um Winston, um Wallid ou um Waldemar.

João Penalva

João Penalva nasceu em Lisboa em 1949. Viveu em Londres de 1976 a 2021, e em Lisboa de 2021 até à atualidade. Após iniciar a sua carreira na dança contemporânea, entre 1968 e 1976, incluindo um período na companhia de Pina Bausch (1973-74) e a co-fundação da The Moon Dance Company com Jean Pomares (1976), mudou-se para Londres. Aí, recebeu uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para estudar na Chelsea School of Art (1976-81). Inicialmente centrada na pintura, a sua prática expandiu-se nos anos 90, passando a incluir vários meios, como o filme, a fotografia e a instalação. O seu corpo de trabalho integra texto e imagens como elementos fundamentais. Recorrendo a diversas fontes como a música, objetos encontrados e materiais de arquivo, o seu trabalho envolve frequentemente uma pesquisa profunda que informa a peça final. Um dos aspetos centrais da sua obra é exploração da comunicação nas suas várias formas, misturando abordagens formais e teóricas em narrativas complexas que misturam realidade e ficção.

Penalva representou Portugal na 23ª Bienal de São Paulo e na 49ª Bienal de Veneza. Expôs também na 2ª Bienal de Berlim e na 13ª Bienal de Sidney.

Exposições individuais incluem: Centro Cultural de Belém, Lisboa; Camden Arts Centre, Londres; Contemporary Art Centre, Vilnius; Galerie im Taxispalais, Innsbruck; Tramway, Glasgow; Roseum Center for Contemporary

Art, Malmö; Institute of Visual Arts, Milwaukee; Power Plant, Toronto; Serralves Museum, Porto; Ludwig Museum Budapest; Irish Museum of Modern Art, Dublin; DAAD Gallery, Berlim; Mead Gallery, University of Warwick, UK; Lunds Konsthall, Lund; Berlinische Galerie, Berlim; Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa; Brandts Kunsthallen, Odense, Dinamarca; Trondheim Kunstmuseum, Noruega; LOGE, Berlim; Musée d'Art Moderne Grand-Duc Jean, Luxemburgo; Culturgest, Porto; Lumiar Cité, Lisbon; Appleton Square, Lisboa.

As exposições coletivas incluem, entre outras: Haus der Kunst, Munique; Museum Folkwang, Essen; K20 Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen, Düsseldorf; Staatliche Kunstsammlungen Dresden; Württembergischer Kunstverein, Stuttgart; Museum of Contemporary Art, Sydney; Australian Centre for Contemporary Art, Melbourne; National Museum of Contemporary Art, Seoul; Museum of Contemporary Art, Taipei; Bombas Gens Centre d'Art, Valência; Tramway, Glasgow; Wellcome Collection, Londres; South London Gallery, Londres; Lunds Konsthall, Suécia; Hayward Gallery and Tate Modern, Londres.

Penalva recebeu o DAAD Berlin Artist's Residency em 2003; o Bryan Robertson Award em 2009; e o Paul Hamlyn Foundation Award em 2020.

Mais informações



Galeria **Francisco Fino**

www.franciscofino.com

Rua Capitão Leitão, 76
1950-052 Lisboa

galeria@franciscofino.com
Tel. +351 215 842 211